

A construção da cidadania no ambiente interativo online – análises de comentários na *fanpage* do G1 no Facebook

Laura Seligman¹

Resumo

A possibilidade de interferir no conteúdo publicado para muitas pessoas ao mesmo tempo foi encarada como a chance de leitores se tornarem um pouco autores online. A interatividade online ampliou a praça pública, tornou possíveis debates imediatos sobre os fatos do cotidiano e seus desdobramentos. Essa pesquisa se dedicou a analisar como os leitores do conteúdo jornalístico online avaliam e se posicionam sobre fatos jornalísticos. Para tanto, foram utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo em postagens do portal G1, da Rede Globo de Comunicações, em sua *fanpage* no Facebook. Procuramos por sinais de exercício da cidadania nos comentários. Os resultados apontaram para um tímido princípio desse exercício e uma imensa maioria de comentários desconectados do conteúdo proposto pelo veículo jornalístico. Entre os comentários que contribuem para o exercício da cidadania, destacaram-se relatos e críticas, como pontos de identificação entre os leitores desse portal.

Palavras-chave: Cidadania. Facebook. Interações. G1. Jornalismo Online.

Abstract

The possibility of interfering with content published to many people at the same time was faced as the chance for readers to become a little bit online authors. Online interactivity widened the public thing, made possible immediate debates about the facts of everyday life and their consequences. This research focused on how readers of online journalistic content evaluate and position themselves on journalistic facts. For that, the techniques of Content Analysis were used in postings of the portal G1, from Rede Globo de Comunicações, in its *fanpage* on Facebook. We looked for signs of citizenship in the comments. The results pointed to a timid beginning and an immense majority of comments disconnected from the original proposition of the journalistic vehicle. The comments that contribute to

¹ Doutora em Comunicação e Linguagens, Mestra em Educação, Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo Gráfico e Audiovisual. Pesquisadora do Monitor de Mídia – Univali/SC, editora do periódico Vozes e Diálogo, integrante das redes de pesquisa Renoi (Rede Nacional de Observatórios de Imprensa) e Brasil Profundo, e da rede de pesquisa internacional sobre Game of Thrones.

the exercise of citizenship brought personal reports and critiques as points that can be points of identification among the readers of this portal.

Keywords: Citizenship; Facebook; Interactions; G1; Online Journalism

Introdução

O Jornalismo vem desempenhando desde a sua criação, o papel de espaço público por onde circulam todos os tipos de discursos. Até a criação da Internet e sua consequente extensão ao público comum, a circulação dos conteúdos tinha a sua responsabilidade restrita aos jornalistas e suas instâncias decisórias. A não-interatividade que o jornal de papel proporcionou e a baixa interação em rádios e emissoras de televisão mantiveram os papéis da seguinte forma: uns eram provedores e os demais, a grande maioria, consumidores.

A web 2.0 e a possibilidade de interações instantâneas entre todos fizeram com que todos tivessem que se readaptar. As grandes corporações de mídia e também o consumidor comum do conteúdo jornalístico. Com o advento das redes sociais online, essas possibilidades se amplificaram em redes cada vez mais extensas. A rede é uma metáfora que é estabelecida para descrever o comportamento desse sistema de interações, um “comportamento coletivo que é gerado pelos diversos indivíduos em uma mesma rede social, e que impacta e é impactado pelo sistema social” (RECUERO, 2006, p.1).

Esta pesquisa se dedicou a investigar o que o leitor de um grande portal de notícias faz com esse conteúdo quando tem a possibilidade de se posicionar sem filtros que ajam diretamente sobre sua intervenção. Para tanto, examinamos os comentários feitos no Site de Rede Social Facebook na *fanpage* do portal G1, da Rede Globo. Utilizamos as técnicas da Análise de Conteúdo para categorizar e analisar o que foi observado em relação à construção do exercício coletivo da cidadania.

A cidadania: do senso comum a um conceito

O conceito de cidadania tem sua origem no conceito aristotélico de Pólis, que era composta de homens livres, com plenos direitos e alguns deveres – no exercício desses dois últimos conjuntos estava a vida em coletividade. Ora, cidadania vem do termo cidade (a Pólis) e se atribui a essa palavra significados que sempre apontarão para garantia do exercício dos direitos e no compromisso de cumprir com seus deveres, tanto nas esferas

privadas quanto públicas. Ainda que a democracia grega seja tida como exemplar, ela não se estendia a mulheres, crianças ou aos escravos.

Porém, é com o processo globalizante e capitalista (incluindo as navegações, processos de unificação de nações e revoluções burguesas) que esse conceito é ampliado e ganha novos contornos. Os conglomerados urbanos se formavam rapidamente após a Revolução Industrial, e a burguesia vinha constituindo os espaços urbanos e imprimindo a valorização do trabalho.

Na Idade Média, o trabalho era desprestigiado, indigno, mesmo o de um cavaleiro, o de um nobre. Com a ascensão da burguesia, o surgimento das cidades e da vida urbana, despontam os cidadãos que trabalham, fazem comércio, desenvolvem o sistema fabril e administram a coisa pública em termos de direitos e deveres – resultado de um longo processo de oposição ao imobilismo e dogmatismo da Igreja e nobreza da sociedade feudal. (CERQUIER-MANZINI, 2013, p. 29)

Ainda hoje, essa noção de cidadania está presente, sobretudo na Carta de Direitos das Nações Unidas, de 1948. No documento, tem-se a noção de que todos os homens devem ser iguais perante a lei, sem qualquer discriminação. Segundo Cerquier-Manzini (2013), pode-se classificar os direitos dos cidadãos em civis, sociais e políticos: o primeiro diz respeito a dispor do próprio corpo, locomover-se, ter segurança; o segundo trata do atendimento às necessidades humanas básicas; e o último trata da deliberação do homem sobre sua vida – livre expressão de pensamento, de credo, de prática política etc. Vieira classifica esses direitos em de primeira e segunda geração.

A cidadania seria composta dos direitos civis e políticos – direitos de primeira geração -, e dos direitos sociais- direitos de segunda geração. Os direitos civis, conquistados no século XVIII, correspondem aos direitos individuais de liberdade, igualdade, propriedade, de ir e vir, direito à vida, segurança etc. São os direitos que embasam a concepção liberal clássica. Já os direitos políticos, alcançados no século XIX, dizem respeito à liberdade de associação e reunião, de organização política e sindical, à participação política e eleitoral, ao sufrágio universal etc. São também chamados direitos individuais exercidos coletivamente [...] Os direitos de segunda geração, os direitos sociais, econômicos ou de crédito, foram conquistados no século XX, a partir das lutas do movimento operário e sindical. (VIEIRA, 1997, p.22)

No Brasil, o Estado vem sistematicamente adotando políticas assistencialistas como forma de concessão de direitos e do exercício da cidadania. Para Lacerda (2000),

essas práticas se configuram como legitimação do Estado e desmobilização política da população.

As interações online nas redes sociais

O termo se tornou viral como os próprios Sites de Redes Sociais, mas o conceito antecede qualquer menção à informática. Redes sociais se referem às relações sociais que são estabelecidas por cada indivíduo, formando grupos com algum tipo de conexão (e aqui novamente não nos referimos ao termo computacional). “As relações interpessoais constituem sem dúvida a fonte das emoções mais profundas: as alegrias da amizade partilhada, a exaltação da paixão amorosa, mas de igual modo o sofrimento e a dor aquando das separações, perdas e lutos” (CLAES, 2007, p.15). O estabelecimento de laços de afetividade em suas relações é considerado uma condição essencial à felicidade e simboliza uma vida bem-sucedida.

Bruno Latour (1996) vê as redes como um trançado de múltiplas conexões em que as pessoas desempenham diversificados papéis em ligações frágeis, que mudam o tempo todo. São conexões caóticas, em múltiplos sentidos. A isso ele denominou Teoria Ator Redes – TAR, em que as movimentações de pessoas em suas práticas vai modificando também o contorno das redes. A lógica deixa de ser cartesiana e as redes podem ser mensuradas por suas conexões estabelecidas. De acordo com a TAR, são novamente as interações que definem o quanto essas redes são estáveis ou fortes e o quanto elas representam para cada indivíduo. A TAR é usada, como veremos adiante, também para definir as redes estabelecidas via rede mundial de computadores e não só as relações interpessoais.

Por relações interpessoais, Claes (2007) define um relacionamento e a troca de experiências que provém dele entre pelo menos duas pessoas. O relacionamento não diz respeito exclusivamente às características desses indivíduos, mas às trocas que afetam diretamente as representações que cada um faz de fatos da vida. “[...] a reciprocidade e a interdependência constituem os princípios de base de qualquer relação interpessoal” (op.cit, p.16). Nesse universo, alguns relacionamentos serão efêmeros, outros fortuitos, independente das transformações que cada participante sofra individualmente, mas muito mais relacionado à frequência e à intensidade das interações em que esse relacionamento está baseado. Da mesma forma, nas interações online, alguns laços serão fortes e outros fracos.

Relacionamentos interpessoais a distância também apresentam essas características, mas a midiáticação (e a informatização) da vida cotidiana ampliaram o espectro de alcance delas. As práticas diárias se modificaram, e os relacionamentos interpessoais são ponto central dessas transformações. Os chamados Sites de Redes Sociais (SRS) mantêm os relacionamentos pré-existentes, e os estendem a níveis nunca antes imaginados – os novos amigos online podem ser pessoas completamente estranhas até então.

Boyd e Ellison (2008, p.211) definem os SRS como “serviços em rede que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema; (2) gerenciar a lista de outros usuários com quem compartilham sua conexão; (3) ver e navegar pela sua lista de conexões e a de outros”. São espaços em que as relações vão além das meras conexões (networking). Os perfis são as únicas páginas onde o indivíduo existe devido ao que escreve (type oneself into being) (SUNDÉN, apud BOYD e ELLISON, 2008). E os próprios sistemas desses sites levam os indivíduos a estabelecer novas relações interpessoais, ao mostrar, por possíveis afinidades identificadas pelo conteúdo disposto em cada perfil, outros que tenham possibilidade de se relacionar. Fãs, seguidores, amigos, não importa a definição que cada SRS estabeleça, se tratam de relações interpessoais.

Boyd e Ellison (2008) relatam que o primeiro SRS iniciou em 1997, o sixdegrees.com, dando início a uma onda de novos sites dessa mesma natureza. A segunda onda veio em 2001, com a web 2.0, mais especificamente com o Ryze.com, dando início aos SRS especializados, neste caso, em aproximar as pessoas pela natureza do seu trabalho. No Brasil, o SRS desse tipo mais conhecido é o LinkedIn². Da mesma forma, os SRS lançados com o intuito de fazer as relações interpessoais sem um fim específico continuaram se proliferando e aperfeiçoando. O Facebook tem 107,7 milhões de usuários no Brasil e os usuários do Youtube daqui gastam 140 minutos mensais em uma média de 109 vídeos por espectador³.

As redes sociais online nos permitem ver melhor e com mais amplitude as relações estabelecidas em qualquer rede social. É o que sustenta Smith (2015), ao

2. [Http://www.linkedin.com](http://www.linkedin.com) Acesso em 18 de julho de 2016

3. <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/08/22/Facebook-tem-89-milhoes-de-usuarios-no-Brasil.html> Acesso em 18 de julho de 2016

afirmar que as ferramentas de mensuração das redes online permitem encontrar estruturas de larga escala comuns em todas as sociedades humanas.

Como muitos outros reinos na natureza, as redes sociais humanas geram uma diversidade de formas. Muitas redes variam em termos de densidade de conexões, algumas com menos conexões entre seus membros, outras com muitas. [...] Os mapas das conexões entre as pessoas que recentemente falaram sobre um produto, marca ou evento podem revelar posições-chave e clusters na multidão. (SMITH, 2015, p.13)

Essas relações que se estabelecem num ambiente em que o imediatismo é frequente, ao contrário do que se possa imaginar, não se dão de forma imediata. Recuero (2014) sustenta que as relações são construídas lentamente por atos performáticos identitários, representações do eu. As performances acontecem por meio de pequenas pistas que o autor (dono de perfil) deixa a prováveis audiências – um texto, uma imagem, um avatar, o gosto por determinada produção cultural ou midiática. Elas vão delineando quem aquele indivíduo quer ser naquele momento e naquele ambiente.

Da mesma forma, quem recebe essas pistas se torna de certa forma autor ou coautor dessas representações do self. Para Coulangeon (2014), já com a invenção do livro de bolso e da fotocópia, as práticas de leitura tiveram seus locais e modalidades alterados. Com a informatização e a geração *mobile* de dispositivos, as formas de representação ganham ainda mais diferentes contornos tanto na autoria original quanto nas coautorias que se desenham nas leituras. É o que o autor chama de sociologia da recepção.

O Facebook

O Site de Redes Sociais Facebook é hoje o maior fenômeno nesta categoria em todo mundo. O crescimento exponencial no número de usuários e os usos diversos têm modificado modos de relacionamento entre pares, produtores, consumidores, tornando esses papéis um emaranhado difícil de destamar.

De vida ainda relativamente curta, o site nasceu em 2004 com poucos amigos de Harvard, que trocavam algumas mensagens sem entretanto compreender as transformações que seriam possíveis dali em diante. O Facebook não foi o primeiro SRS. O Myspace, na verdade, era a rede mais popular nos Estados Unidos nesta época, seguido de outros que não chegaram a ter grande relevância no Brasil, como Hi5, Friendfeed, Friendster e outros. López e Ciuffoli (2012) lembram que a vida social online

se reduzia a e-mails, blogs ou *chats* do Messenger. Da experiência entre amigos de Harvard, o site se tornou o que tem mais usuários na história da Internet.

Nós, os usuários, expandimos grande parte de nossa vida social na rede. Se multiplicaram os “amigos”, as publicações e o tempo que estamos online. Surgiram novos modos de nos comunicarmos y de estabelecer vínculos com nossos pares e colegas, e também, com políticos, marcas, meios de comunicação, instituições e artistas (LÓPEZ; CIUFFOLI, 2012, p.20)⁴

A história do site, segundo os autores supracitados, pode ser resumida da seguinte forma:

- Uma rede de universitários – 2004 a 2006
- Uma rede pública – 2006 a 2007
- Uma rede massiva e aberta – 2008 a 2010
- Uma web social e personalizada – a partir de 2010

O Facebook mudou as práticas cotidianas de grande parte da população mundial.

Se no Brasil é o SRS mais usado, pode-se afirmar que mais de 10% de toda a população mundial participa ativamente dessas trocas online, seja a trabalho, para se informar ou como recreação. Por esses e outros motivos, esse site é objeto de pesquisas de diversas naturezas e enfoques – dos mais fascinados aos mais resistentes a seus usos e transformações.

Ao contrário da maioria dos SRS lançados até então que determinavam o ingresso de usuários por convites (o Orkut nasce assim) ou por interesses (religiosos, musicais etc), o Facebook passou a integrar todos e as conexões que se estabeleceram dentro dele, as redes propriamente ditas, foram se adequando a esses interesses específicos e múltiplos. Dessa forma, um só SRS passou a satisfazer essa diversidade de interesses que antes exigia que os usuários frequentassem muitos sites para que fossem contemplados. Porém, outros SRS têm a capacidade de os usuários tornarem seu perfil público para todos os integrantes do site, o que o Facebook não permite (BOYD, 2008).

Ainda traçando comparativos, 936 milhões de pessoas no mundo entram todos os dias em seus perfis, no Brasil são 59 milhões. Metade de todas as pessoas no mundo com acesso à internet entra no Facebook pelo menos uma vez ao mês. Tem mais adeptos do que qualquer religião (a católica tem 1,2 bilhão de fiéis). Os brasileiros passam 9h12min por dia conectados à internet e 3h47min nas redes sociais.

⁴ Tradução nossa do original em Espanhol

Para López e Ciuffoli (2012), o Facebook é um mutante digital, já que nasceu como rede social exclusiva e se transformou em uma trama digital de publicações pessoais com grande variedade de ferramentas e aplicativos. Para as autoras, a receita de sucesso do site é o espaço convergente de conteúdos e formatos diversos – os resultados desse fenômeno estão modificando a cultura digital contemporânea.

O que permite as transformações ocorridas principalmente após o ano de 2010 é o protocolo Open Graph, que permite a conexão de qualquer site ao Facebook. Assim, todos podem acessar o mapa de contatos, gostos e interesses dos usuários da rede e compartilhar a informação. Dessa forma, os botões de like (gostar) e de compartilhar com a marca do Facebook pode ser visto em muitos outros sites, como uma maneira de recomendar aquele conteúdo, mas também como motor que impulsiona o número de usuários do próprio Facebook.

Esse protocolo permitiu que ficassem concentradas ali todas as operações de qualquer natureza – conteúdos acadêmicos, brincadeiras online, ações sociais, ativismo político, gostos culturais e mesmo um *dolcefarniente* que pode ser a simples observação de sua *timeline*. Também introduziram plug-ins como os aplicativos sociais de notícias que transformaram a maneira de captar novas audiências para esse conteúdo em tempos de quedas nas tiragens dos grandes jornais diários em todo o planeta. Outros permitem o consumo de outros produtos além de notícias – filmes, músicas e inclusive as compras online.

O consumo se torna cada dia mais social, em rede e personalizado. A gama de possibilidades que se abre é praticamente infinita e estabelece um novo tipo de relação entre marcas e usuários, baseada na integração e retroalimentação de informação específica sobre gostos, preferências e interesses dos usuários da rede (LÓPEZ; CIUFFOLI, 2012, p.34)⁵

Dessa forma, os grandes meios de comunicação encontram na rede, um aliado para dar visibilidade ao seu conteúdo e superar a falta de interação com o consumidor com que os outros meios fora da Internet ainda se debatem. Neste esquema, os meios produzem e curam a informação enquanto os usuários são produtores e agentes de distribuição. O Facebook opera como plataforma de distribuição social de conteúdo, mas também interfere nos resultados dos posts de seus integrantes conforme acordos financeiros. Os *likes* (curtidas) são uma espécie de moeda social, um instrumento de

⁵ Tradução nossa do original em Espanhol

aumentar o capital social de cada perfil, o que além de popularidade e elevada autoestima, pode se converter em capital financeiro e cultural. Demonstra que sua rede aprova suas publicações. Mas, quem controla essas visualizações é o próprio Facebook por meio de algoritmos. Apenas 6,5% das pessoas que curtem determinada página, por exemplo, acabam recebendo suas atualizações devido ao alcance orgânico – uma forma de não inundar as *timelines* com muito conteúdo. Mas o Facebook oferece aos administradores das páginas, um botão para promover as publicações por valores que começam em R\$ 20,00. Basta pagar para conseguir os *likes*. O mesmo não se repete nos perfis pessoais, em que essa ferramenta não é oferecida.

Com preço expresso em moeda financeira ou não, quanto mais exposição se obtém no Facebook (ou em qualquer outro site dessa natureza), maior o alcance desse discurso que representa como seus interagentes querem ser vistos.

Procedimentos metodológicos e dados observados

Essa pesquisa, que analisa o papel dos comentários da *fanpage* do portal G1 na construção da cidadania, dá continuidade a pesquisa realizada no ano passado em que o objeto de estudo eram as interações na página da Folha de São Paulo no Facebook, o jornal impresso com mais curtidas neste site de redes sociais. Anteriormente, o foco era o número de curtidas, compartilhamentos e comentários e o porquê de certas editorias gerarem mais interações do que outras.

Agora, o objeto de estudo são apenas os comentários. Depois de catalogados do dia 19 de maio ao dia 14 de julho, todos os comentários foram lidos e classificados entre os que contribuem ou não para a construção da cidadania. O tipo de observação foi não participante, não interferimos nas postagens em momento algum, sendo uma observação silenciosa; por último, os instrumentos de coleta correspondem às categorias selecionadas pelas técnicas da Análise de Conteúdo, que nos permitem organizar, classificar e encontrar inferências nos dados quantitativos, para que a próxima etapa, a qualitativa, possa acontecer. Nas palavras de Krippendorff (1997, p. 28), “é uma técnica de pesquisa destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que possam ser aplicadas em seu contexto”⁶.

⁶ Tradução livre do espanhol.

A imensa maioria não mostrou contribuições, como podemos ver na tabela abaixo: somente 4,85% se enquadraram como ligados ao exercício da cidadania. Os comentários que mesmo apresentando alguma crítica social e pudessem, portanto, ser considerados como de contribuição ao exercício da cidadania, não foram assim categorizados devido à sua desconexão com a questão proposta no post em que constavam e ainda porque não propunham propriamente um debate, mas apenas alguma frase de efeito ou agressão política/pessoal.

Tabela 1 - os tipos de comentários

1 - Não contribuem para a construção da cidadania	39.432
2 - Crítica	365
3 - Relato	306
4 - Defesa	290
5 - Lamento	239
6 - Revolta	217
7 - Questionamento	188
8 - Proposição	163
9 - Informação	146
Soma de 2 a 9	1.914

Entre os comentários que não contribuem para o exercício da cidadania, a maior parte foi assim categorizada porque mostrou total desconexão com o conteúdo do post jornalístico. É o caso, por exemplo, da notícia do dia 24 de maio de 2016: “Entenda as medidas econômicas e fiscais anunciadas nesta terça-feira”, que recebeu 739 curtidas, 107 compartilhamentos e 72 comentários. Entre esses últimos, podemos observar alguns como as seguintes:



Gois Barl uuuuu dia de Laca o Golpe. O marco confirmado o golpe. Que dia Em áudio Juca confirma o Golpe. Volta Cunha serio. Mano. Em menos de 24 horas Gilmar Mendes manda suspender inquérito contra Aécio Neves. Punk Como um cara pode anular o voto de 367 deput...[Ver mais](#)



Gustavo Investimentos IGUAL OS F D P DOS COMUNISTAS DE CUBA KKK HAAA AGORA Q LEMBREI O FIDEL E BILIONARIO



Jose Antonio Trevizam Tudo golpista....

QUAL É O ESQUEMA DO AECIO, TODOS SABEM, A GLOBO SE FAZ DE BESTA!

Os que contribuem foram subdivididos entre oito tipos:

- 1) Revolta,
- 2) Crítica,
- 3) Informação,
- 4) Proposição,
- 5) Lamento,
- 6) Defesa,
- 7) Questionamento e
- 8) Relato.

86

Os tipos de comentários encontrados:

1) Revolta:

O Comentário de revolta é quando a pessoa mostra estar descontente com a situação apresentada em cada matéria. É uma forma de protesto encontrada. Usar todas as letras em maiúsculo ou palavras específicas em destaque é uma grande característica desse tipo de comentário. A letra em caixa alta simula a voz humana, nesse caso mais grave, como se estivesse em alguma discussão. Geralmente, esses comentários não contêm embasamento teórico, apenas opiniões individuais. Boa parte deles está em textos sobre política, em que a população exige seus direitos.

Exemplo:



Maria Helena SERVIÇO DE INTELIGENCIA FALHOU DE NOVO – Revolta

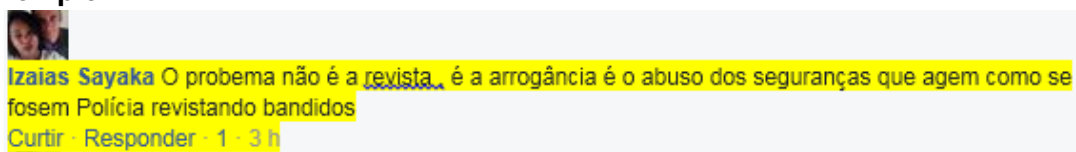
[Curtir](#) · [Responder](#) · Agora mesmo

2) Crítica:

O caso dos comentários de crítica é quando existe discordância com o tema abordado na matéria da publicação. Ao mesmo tempo em que se faz a crítica, não é inserida nenhuma proposição ou tentativa de solução, ou seja, o indivíduo não concorda

com certas opiniões e decisões contidas nas publicações, mas também não apresenta soluções. Quando essa crítica tiver cunho preconceituoso não estará contribuindo para a construção da cidadania. Essa crítica também pode ser relacionada à conduta do veículo de comunicação, nesse caso do portal de notícias G1 que faz parte das Organizações Globo. Pode-se observar que a imagem da emissora de televisão é bastante atrelada ao portal.

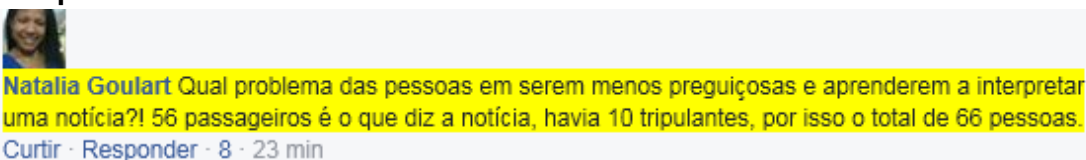
Exemplo:



3) Informação:

Esse tipo de comentário está atrelado, principalmente, ao complemento da informação contida na notícia, reportagem ou artigo, podendo ela ser verdadeira e atualizada ou não. Mitos podem ser disseminados nessas interações na caixa de comentários, assim não estaria contribuindo para a construção da cidadania. Há também o intuito de corrigir erros gramaticais ou até mesmo de apuração. Em certos casos, falar com fontes oficiais não é o suficiente.

Exemplo:



4) Proposição:

O comentário propositivo é quando usa-se essa opção de interação no Facebook para tentar resolver um problema que afeta vários grupos de pessoas, em nível municipal, estadual, nacional e internacional, boa parte deles envolvendo assuntos relacionados ao poder público. Eles podem ter ou não embasamento teórico. Não é raro encontrar apenas opiniões individuais que não acrescentam ao assunto em destaque e podem até gerar brigas entre os pensamentos divergentes. No geral, esse comentários mostram a vontade da população em querer mudar hábitos.

Exemplo:



Miguel Cunha Ja era esperado, hj msm havia falado que esse avião tinha caído, mto triste pois a segurança desses aviões estão ultrapassadas pro clima de hj, ventos mais fortes e outros fatores alem de claro falha mecanica ou operacional, ta na hora de mudar isso fazer algo p quando cair aviões já ter certeza q todos vão morrer. Emoticon frown –
Curtir · Responder · 3 · 21 min

5) Lamento:

Os comentários do tipo lamento são, quase que totalmente, sobre tragédias. Fala-se bastante em questões religiosas e espirituais. O intuito é oferecer apoio às famílias de vítimas de acidentes ou assassinatos, um dos mais recorrentes por exemplo é o “ Força, Deus está protegendo (sic) vocês”. Mesmo que ninguém que faça parte da notícia esteja lendo.

Exemplo:



Maria Vieira Que tristeza lamento |

88

6) Defesa:

Na maioria das ocasiões, esses comentários aparecem ligados a outros comentários, como uma espécie de resposta. Pode ser considerado parte de um debate. Assuntos que dividem mais as opiniões do público leitor do G1, acabam gerando respostas preconceituosas e o tipo de comentário em questão usa argumentos para defender lados que são oprimidos e julgados a partir do conteúdo do texto jornalístico da publicação.

Exemplo:

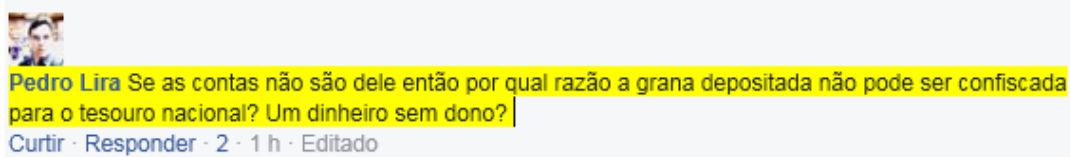
Vitória Durães de Brito Parem de pensar apenas em vocês e tentem entender que não tem outra forma de eles protestarem sem que nos atinja, infelizmente. Eles não estão fazendo isso pensando em nos prejudicar, estão querendo apenas condições melhores. Afinal trabalham muito e ganham pouco.
Curtir · Responder · 27 · 1 h

7) Questionamento:

Esse comentário é facilmente observado quando as frases estão em modo interrogativo. Há duas ocasiões em que eles aparecem com maior frequência. Uma delas é quando a pessoa ainda tem dúvidas sobre o assunto que é o foco. Ela poder ter lido a matéria por inteiro e ainda não ter entendido parte das informações. Pode ser por falta de

atenção de quem lê ou falta de cuidado do veículo de comunicação, nesse caso o G1. A outra ocasião está nas perguntas retóricas. Por exemplo o comentário “Quando o Brasil vai mudar?”. Quem escreveu não possui a intenção de alcançar uma resposta. Também há o caso em que se dúvida das fontes utilizadas e do conteúdo da notícia.

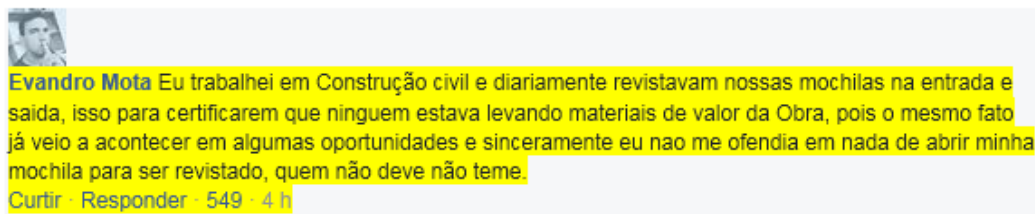
Exemplo:



8) Relato:

A característica principal do comentário de relato são as histórias vividas por quem interage na publicação. O indivíduo se identifica com a história contada na matéria e relata a sua versão, sendo ela de acordo ou não com o conteúdo do texto jornalístico. Geralmente, esse tipo de comentário está em posts de notícias ou reportagens que contam alguma história pessoal, pois nesse espaço de interação, as pessoas relatam experiências semelhantes ou discordam por já terem vivido aquilo. Matérias de denúncia costumam ter bastante relatos, em alguns casam até aprofundam o texto, dando continuidade ao tema.

Exemplo:




Comentários que não contribuem para a cidadania


Esses comentários não estão inclusos nas outras categorias porque considerou-se que eles não contribuem para a construção da cidadania. A partir dos dados colhidos do dia 19 de maio até o dia 14 de julho é possível observar que eles se sobressaem em quantidade. Uma das razões é o número elevado de interações que estimulam o preconceito e a discriminação, seja com mulheres, negros, homossexuais ou estrangeiros. Mesmo sendo um meio social, os curtidores da página não pouparam palavras agressivas, talvez isso se explique pela abundância de perfis falsos. Pessoas criam perfis conhecidos como *fakes*(falsos) para poderem falar o que pensam, mas não têm coragem

de fazer o mesmo em suas páginas pessoais ou no dia a dia e, assim, usam esse artifício para se esconder. Há um grande número de comentários com teor violento e com o uso frequentes de palavrões, boa parte deles direcionada a nomes conhecidos da política brasileira ou integrantes de minorias da sociedade. Outro caso é o dos comentários que não se referem a nada da publicação postada, eles podem divulgar programas televisivos, produtos pessoais, correntes ou simplesmente falam de outro assunto, estão totalmente alheios ao que está em pauta na notícia ou reportagem.


Exemplos:



Karen Marangon A novidade é não ter nenhum brasileiro, pq toda desgraça que acontece no mundo sempre tem um brasileiro no meio!
Curtir · Responder · 11 · 23 min



Elcio Luciano Duarte #geraldoluisnodomingoshow
Curtir · Responder · 1 · 15 min



Silvia Helena Gagliasso Se negro é chamado de Preto é racismo. Agora quando eles se referem aos brancos de branquelos é piadinha né. Avaa...Ver mais
Curtir · Responder · 6 min

Considerações finais

A partir da observação dos comentários postados pelos seguidores da *fanpage* do G1 no Facebook, pode-se perceber que as pessoas que participam enxergam aquele ambiente como uma praça pública. É ali que eles encontram um canal em que pensam serem ouvidos, em que podem encontrar e criar pontos de intersecção com outros cidadãos que tenham os mesmos problemas, preocupações ou posicionamentos.

Isso pode ser sustentado, por exemplo, na predominância de comentários que trazem relatos de experiências ou visão pessoais.

Mas, esse espaço também é encarado como o que já foi chamado de quinto poder – a população criticando e tentando tomar a frente do que é publicado na imprensa (o chamado quarto poder). Aliás, essa foi a maior incidência de comentários classificados

como que colaboram para a construção da cidadania – os que trazem críticas ao que foi publicado pelo G1.

Apesar dessas manifestações observadas, a imensa maioria, mais de 95% do material de comentários, não se configura como algo que colabora para o exercício da cidadania. São comentários desconectados do assunto, com manifestações de ódio, racismo e outras dessa natureza. São uma ampliação do que Habermas (2003) chamou de esfera pública, que é composta por fluxos comunicativos que vêm da vida cotidiana e das organizações.

Essa esfera, ou praça pública, retrata de certa forma, a complexidade da sociedade atual e sua desconexão com as instâncias tomadoras de decisão e detentoras de poder. Seja por dificuldades de uso da norma culta (o que mais se registram são erros em grafia ou frases incompreensíveis), por desinteresse ou por desconhecimento de como o cidadão pode participar dos rumos da sociedade, as possibilidades que as interações no ciberespaço permitem não vem sendo aproveitadas em sua totalidade. Essa desconexão mostra a fragilidade e a superficialidade com que os argumentos são postos publicamente, não se estabelecendo um real debate de ideias e, portanto, não contribuindo para a construção da cidadania.

91

Referências

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. in PAPACHARISSI, Z. **A networked self** :identity, community and culture on social network sites. N.York: Routledge, 2008.

BOYD, D. ELLISON, N.B. **Social Network sites**: definition, history and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication 13. International Communication Association, 2008. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/pdf>. Acesso em 02.01.2015.

CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é cidadania**. SP: Brasiliense, 2013.

CLAES, M. **O universo social dos adolescentes**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

COULANGEON, P. **Sociologia das práticas culturais**. SP: Edições SESC, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido** – teoria y práctica. Barcelona; Paidós, 1997.

LACERDA, Denise. **Cidadania, participação e exclusão** – uma análise do grau de instrução do eleitorado brasileiro. Itajaí: Univali, 2000.

LATOUR, B. **On actor-network theory**. A few clarifications plus more than a few complications. 1996. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/P-67%20ACTOR-NETWORK.pdf>. Acesso em 31.05.2016.

LÓPEZ, G.; CIUFFOLI, C. **Facebook es el mensaje**. Oralidade, escritura y después. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2012.

RECUERO, Raquel. **Dinâmicas de redes sociais no Orkut e Capital Social**. Razón y Palabra, nº 49, 2006.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SMITH, Marc A. Conectando o poder das redes sociais. In: RECUERO, Raquel;

BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. RJ: Record, 1997.

Recebido em: 08/08/2017

Publicado em: 01/12/2017